

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**IVANILDE DA SILVA**

**PROCESSOS DE APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS MBYA GUARANI  
JUNTO À KOKUÉ**

**Porto Alegre  
2º semestre  
2021/02**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

IVANILDE DA SILVA

**PROCESSOS DE APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS MBYA GUARANI  
JUNTO À KOKUÉ**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Bergamaschi

BANCA

Profa. Dra. Magali Mendes de Menezes - FACED/UFRGS

Profa. Dra. Ana Luísa Teixeira de Menezes - UNISC

Porto Alegre

2º Semestre

2021/02

## **AGRADECIMENTOS**

Começo agradecendo a NHANDERU, por me dar força e saúde para enfrentar o mundo lá fora.

Ao meu pai, aquele que nos ensinou a importância de ter um estudo, um pai carinhoso, amor e atencioso, que lutava com garras pelos direitos indígenas. Me mostrou o caminho para ajudar e lutar pelo meu povo. Meu pai foi uma grande liderança e saía em busca de melhores condições para o povo indígena em geral; lamentava por não ter estudado o bastante para fazer algo maior pela comunidade que pertencia. Talvez por isso ele insistia que a gente estudasse e entrasse para uma universidade e buscasse um conhecimento mais avançado; ter uma graduação e assim lutar por igual com a sociedade não indígena pelos direitos dos povos indígenas. Infelizmente ele nos deixou antes mesmo de nos ver numa faculdade e antes de ver o seu feito se realizando.

Agradeço a minha mãe, que sempre esteve ao meu lado, dando força e coragem para não desistir e seguir em frente, apesar das dificuldades enfrentadas

Quero agradecer minha querida monitora Deise Moraes, por me ajudar incansavelmente.

Meu muito obrigada a minha querida orientadora Maria Aparecida Bergamaschi, a quem considero uma segunda mãe, que sempre me incentivou a seguir com meus estudos.

## RESUMO EM GUARANI

Kova'e mba'eapo ma, anhemboea amombaa regua ambopara, mbaeixapa maenty reko regua, aikuaa pota mbaeixapa kokué reko. Amombe`u mbe'u'ita marami pa maenty reko mbya reko py,maenty hetei reko pavê haema jaikuaa mbya rivy ha'e jaikuaa'i va'e nhade pi'a kuery pe ju nhamboaxa rã, nhamombe'rã mba'e rã pa jareko rã kokué. Nhande mbya kuery ma nhandoty'in rãẽ raka'e nhamongaraii aguã pavei nhe'ëi re, jarojapy xaka aguã kyinguep'i. Jareko rã py kokué pavê'in jaexauka haguã nhanderekoae'i okanhye'yn haguã.

Kova'ere ma amombe'u tá xeregua, mamo pa aĩ, Ha'i regua havi ambopara, mabeixa pa koo tekoa py oĩ, mbaeixa rupi pa guekoa rã'ĩ ojou raka'e. Kokué regua havi ambopara.



Jaexauka maenty kiryngue nhe'ë ovy'a haguã

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia aborda um aspecto importante da educação das crianças dentro dos preceitos ancestrais Mbya Guarani, povo ao qual pertenço. A questão central que enlaça este estudo é a função educativa da Kokué (roça tradicional), seu significado nos processos educativos das crianças da aldeia. Realizei a pesquisa na Tekoa Pará Rõke (Rio Grande, RS), território onde vive minha família nos últimos anos e tem como objetivo principal mostrar a importância de uma kokué na educação de uma criança Mbya Guarani. A roça tradicional está presente e faz parte de nossas vidas e está ligada ao mundo espiritual. Sendo assim, as histórias, cuja existência e transmissão se dá pela oralidade, são o ponto de partida sobre esse assunto. Para a realização da pesquisa registrei conversas com os/as Karai (pessoas mais velhas) e com as Kiryngue (crianças); filmei e fotografei vivências cotidianas que mostram a importância da educação junto à roça tradicional. Fico muito agradecida por xeramõi kuery (anciões), Ha'i (mãe), que me passaram um pouquinho de suas sabedorias, para que eu pudesse escrever esse meu trabalho.

Palavras chave: Educação Mbya Guarani; Kokué (roça tradicional); Oralidade

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
NHEMPYRUN'IN A – O começo	8
XEREKO AMOMBE'U HA'E JEGUATA HETA VA'E KUERY ARUPI GUA – Trajetória da minha vida	12
JEGUATA NHE'E VY 'Á RÃ RE – Caminhada pela vida	17
PARÁ RÕKE – Portal do Mar	20
KOKUÉ	24
REFERÊNCIAS	34

## APRESENTAÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso está apresentado aqui em cinco capítulos. O primeiro capítulo, ao modo de uma introdução, anuncio a pesquisa sobre a roça tradicional. No segundo capítulo apresento a trajetória da minha vida, principalmente destacando os aspectos que dizem sobre o meu processo de escolarização. No terceiro capítulo, Jeguata Nhe'ẽ vy'a rã (caminhada pela vida), conto a trajetória da minha mãe, grande inspiradora deste trabalho. O quarto capítulo situa a aldeia, com amostras de imagens tiradas com *drones* e também de satélite do *Google Earth*, fotos e dados sobre as famílias moradoras da aldeia. No quinto capítulo abordo a importância dos processos de aprendizagem das crianças Mbya Guarani junto à kokué, com as entrevistas das crianças e da minha mãe. É importante mencionar também, que os depoimentos orais contidos neste trabalho, aparecem de forma bilíngue: primeiro na Língua Guarani e depois na Língua Portuguesa, isto porque as entrevistas que eu fiz foram na Língua Guarani e realizei o trabalho de tradução das mesmas na hora da transcrição. Por fim, faz parte desta pesquisa, um conjunto de três vídeos que produzi para trazer, de forma mais autoral e mais próxima da linguagem oral, a fala das crianças sobre a Kokué.

## **NHEMPYRUN'IN A – O começo**

Me chamo Kerexu Yxapy (Ivanilde da Silva nos documentos de identidade). Sou Mbyá Guarani e estudante na Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS). Estou no final do curso e meu tema do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) é sobre os processos de aprendizagem das crianças Mbya Guarani junto à kokué, nossa roça tradicional. A questão central que enlaça este meu estudo é a função educativa da Kokué, seu significado nos processos educativos das crianças da aldeia. Realizei a pesquisa na Tekoá Pará Rõque, localizada no município de Rio Grande, RS, território onde vive minha família nos últimos anos.

Desde que entrei na UFRGS venho dividindo o meu tempo da semana entre participar das aulas na universidade e estar na minha aldeia, que até há pouco tempo era em Viamão, RS, na Terra Indígena Guarani Estiva, que na nossa língua se chama Tekoá Nhundy. Atualmente a minha nova morada é em Rio Grande, RS, na Tekoá Pará Rõque. Durante estes anos pude amadurecer e transformar o que venho estudando na Faculdade de Educação, que é majoritariamente saberes e conhecimentos da educação não indígena, ou seja, a educação dos brancos, com as vivências que tenho como pertencente ao povo Guarani.

Nesse sentido, venho refletindo, principalmente para compreender a necessidade de haver, dentro do currículo da escola indígena, um reconhecimento e uma valorização dos nossos processos de aprendizagem, que passa pelo cuidar e semear a terra, aprendendo desde pequeno a importância de uma kokué, de nossos cantos e nossas danças, de fazer nosso artesanato e ouvir os mais velhos, por exemplo. Durante séculos, fazemos nossas plantações tradicionais, que chamamos de kokué e vivemos em comunidade, fabricando nossos petynguas (cachimbos cerâmicos ou de madeira) para comunicação com os deuses e manutenção dos ciclos de tempos - velhos e novos -, da plantação e colheita, da chegada de novas vidas e da morte dos entes queridos.

Desde o ano de 2019, morando na Aldeia Pará Rõke em Rio Grande, RS, venho realizando, em conjunto com a minha família, uma série de atividades com as crianças da aldeia, principalmente nas roças e na construção da Opy, a nossa casa de reza, tão importante para a nossa espiritualidade e cultura. O aprendizado milenar Guarani se dá tanto dentro da Opy, no entardecer, quanto na mata e nas brincadeiras

do dia-a-dia, levando a pessoa mbyá em seus primeiros anos de vida a ser uma peça chave para a continuidade da memória coletiva do nosso povo e a consequente valorização da nossa tradição. A alegria e o bem-estar das crianças são o referencial para a possibilidade do bem viver comunitário. Por isso a aldeia é chamada de TEKOA (lugar onde acontece o bem viver): TEKO (vida); A (lugar).

Nas atividades cotidianas, vejo as crianças de várias idades da minha família, inclusive com dois anos, mostrarem na prática que a resistência da nossa cultura está na kokué e nas vivências e percepções que temos durante as vivências em comunidade. Antes de aprender a falar guarani, que é a nossa primeira língua, as crianças já constituem suas percepções através de outros sentidos, como por exemplo o tato, ao ajudar a colocar o barro na parede da Opy em construção ou ao mexer na terra e cobrir a sementinha que irá germinar ali.

Este é um resumo de ações e vivências que fazem parte do nosso mbyá reko, o modo de ser guarani. Para nós, o cultivo de plantas representa a contagem do tempo, a organização social interna, que tem como base a reciprocidade, a demarcação de espaços familiares e a agricultura viva, em seu semear das sementes à sabedoria. Como povos das matas, nossos corpos e relações, entre nós mesmos e o ambiente, são entendidos como a própria biodiversidade.

Para haver uma real valorização da cultura Mbyá Guarani e o respeito a pluralidade territorial, é preciso que não só o currículo da escola indígena, mas também a escola não indígena trabalhe estes outros saberes, outras culturas não-ocidentais, como saberes legítimos e que existem no território, não somente nos livros. Pensando nisso, pretendo aprofundar esse assunto ao longo do meu TCC.

Fortalecendo este caminho que mostra os conhecimentos e saberes do meu povo, apresento a pesquisa realizada na Tekoá Pará Rōke, nas manhãs de conversa e tardes de roda ao redor do fogo tomando chimarrão, quando acontece a fala dos mais velhos e dos anciãos da aldeia. Nessas falas há uma escuta sensível dos jovens, com olhar de admiração pelos mais velhos, por poder receber esta sabedoria. E tudo isso passado pela oralidade que é a base de transmissão de saberes culturais. Contudo, não significa que não existam outras formas de ensinamento e expressão.

Então é assim que acontece para fazer uma kokué. Acontece uma fala e uma escuta, ou seja, uma preparação antes de ir para a kokué: primeiro escutar; segundo praticar. A aprendizagem (educação) acontece pela participação das atividades na

aldeia, observando e agindo. A criança observa e passa a conhecer os hábitos das pessoas da comunidade.

Assim também fiz para realizar esta pesquisa: escutei e pratiquei. Escutei muitas vezes as pessoas mais velhas e incorporei muitos saberes, inclusive referentes a Kokué, que trago no meu trabalho como experiência de vida. Também escutei e gravei conversas com a minha mãe, que é uma Kunha Karaí, uma mulher sábia. Igualmente escutei as crianças, transcrevi alguns depoimentos e os demais constam no vídeo, que é parte deste estudo. Li outros trabalhos que inspiraram a realização deste TCC.

Gravar o depoimento da minha mãe foi um pouco complicado para mim, porque quando estamos na roda de fogo, tomando chimarrão, conversamos sobre tudo e as pessoas que está escutando grava aquelas falas na sua memória e na sua alma. Não tem como esquecer as falas, porque aquilo que estão falando toca no coração e na alma, de tão emocionante. Para mim foi assim, emocionante e ao mesmo tempo triste, porque eu vivi alguns momentos da história que ela conta. Portanto, sei o quanto se buscava por essa YY Maraený, a busca por uma terra sem mal, por uma terra onde ela pudesse plantar, colher e compartilhar a colheita com os parentes.

Para fazer as gravações do depoimento da minha mãe foi ainda mais complicado, por essa questão de gravar as falas, porque os mais velhos não têm o hábito de alguém ficar gravando as conversas. E também, no momento em que eu entrevistava, diziam: porque a pergunta sobre a kokué se você já sabe?

Também conversei especificamente com as crianças e filmei seus depoimentos, que estão majoritariamente registrados em vídeo. Para fazer jus às múltiplas linguagens que compõem os saberes guarani, também trouxe as fotografias, que expressam momentos importantes da educação das crianças, da vida na aldeia e da kokué. Os vídeos estão assim organizados: Kiryngue apresenta o depoimento das crianças, que dizem o que significa para elas a kokué; Oguatá, em que registro a iniciativa das crianças em caminhar, ir ao encontro da kokué pelos caminhos da tekoá; Kokué é o registro do encontro com o avaxi e com o jety, alimentos da tradição.



Fazendo uma comida tradicional

## **XEREKO AMOMBE'U HA'E JEGUATA HETA VA'E KUERY ARUPI GUA –**

### Trajetória da minha vida

Como anunciei na sessão anterior, nome é Kerexu. Nasci numa Terra Indígena que fica no município de Tenente Portela, no oeste do estado do Rio Grande do Sul. Há mais de 3 anos moro na aldeia Pará Rõke, em Rio Grande, e morei por mais de 15 anos na Tekoá Nhundy (Estiva), município de Viamão, RS. Nasci no dia 13 de outubro de 1985, em casa, às 21 horas. Minha bisavó e minha avó fizeram o parto, assim como minha mãe fez o parto de meus filhos, um importante costume entre os Mbya Guarani. Meu pai não estava em casa no momento do meu nascimento e como a minha família é indígena e sempre moramos na aldeia, minha mãe não quis de jeito nenhum ir para o hospital. No dia seguinte, quando meu pai chegou do trabalho, teve uma surpresa: eu já havia nascido! Meu nome foi escolhido pelo meu pai. Em Mbya Guarani me chamo Kerexu, nome dado quando eu tinha um ano de idade, na Opy pelo meu bisavô, que é um Karai.

Minha família trabalhava para um agricultor e como só tinham dois filhos à época (eu e meu irmão mais velho – mais tarde vieram outros irmãos), sempre íamos juntos à lavoura com meus pais. Eu era muito apegada ao meu pai. Uma vez meu pai e minha mãe foram trabalhar em lugares diferentes; minha mãe levou meu irmão com ela e como eu era apegada com meu pai, fui com ele. Ao final do dia quase aconteceu uma tragédia, eu sofri um acidente, cai de um trator e bati a cabeça em uma pedra e tive um corte muito grande na cabeça. Por isso, fiquei internada no hospital por quase um mês, levei 12 pontos na cabeça. Isso aconteceu quando eu tinha oito anos.

Mesmo depois do acidente não deixei de acompanhar meus pais no trabalho, porque com oito anos eu ainda não estudava em uma escola. Só comecei a estudar com dez anos. Nós morávamos em uma aldeia dos kaingang, porque a mãe do meu pai é da etnia kaingang e o pai do pai é da etnia guarani e por isso que morávamos ali. Por estarmos no meio dos Kaingang meu pai, mesmo sendo kaingang - quer dizer ele era misturado, mas ele era mais guarani do que kaingang - não queria que eu e meu irmão mais velho estudássemos numa escola que não era da nossa etnia. Por isso eu só comecei a frequentar a escola com dez anos, quando nos mudamos para uma aldeia em que viviam apenas os Mbya Guarani, no município de Erechim, RS. Nessa aldeia já tinha uma escola que se chamava Toldo Guarani – o mesmo nome

da aldeia - e a maioria dos que estudavam ali eram também guarani. Por isso, depois de uma semana da nossa chegada nesta nova aldeia eu já estava indo para escola.

E então a minha rotina começou a ser outra: nós morávamos longe da escola e eu tinha que caminhar três quilometro para estudar. Como não havia frequentado uma escola antes, cheguei sem saber nada a respeito dela; não sabia nem pegar o lápis na posição correta. Nessa escola indígena, como eu já descrevi acima, estudavam alunos/as guarani, mas já estavam mais habituadas ao contato com o material e práticas escolares. No meu caso, que ficava sempre junto aos meus pais, só conheci cadernos, livros e revistas quando comecei a frequentar a escola. A minha experiência com a professora de Língua Portuguesa (uma professora não indígena) foi bastante marcante, pelo fato de que ela não tinha muita paciência com as minhas dificuldades em aprender um idioma diferente daquele em que eu estava habituada e que até então era minha única língua. Dessa forma, percebo que minhas aprendizagens ficaram prejudicadas nessa área de conhecimento, interferindo também no meu gosto pela leitura.

Ficamos morando só durante três anos nessa aldeia em Erechim, porque lá, segundo a minha mãe, não era um lugar bom de se plantar. Nos mudamos para Viamão, onde vivemos durante seis meses acampados na beira da Rodovia RS-40, em Águas Claras. Mesmo vivendo assim, num lugar temporário, meu pai nos matriculou em uma escola não indígena. Então começou o desafio de estudar em um lugar com costumes tão diferentes da nossa cultura. Foi difícil, mas com ajuda das minhas colegas e professoras que eram tão legais, me acostumei a gostar da escola. Mas, em seguida, tivemos que mudar de escola novamente.

O prefeito de Viamão à época disse que era perigoso para as criancinhas viver na beira da faixa e destinou uma terra de sete hectares na Estiva, onde vivemos durante 15 anos. Lá construímos a Tekoá Nundy. Meu pai me matriculou em uma escola que havia perto da aldeia, uma escola simples e eu gostava muito de estudar nela. Todos os dias, exceto no final de semana, fazia a mesma coisa: ir à escola. Comecei a gostar de ler livros infantis e de pintar e isso começou a virar rotina: levar os livros infantis para casa para ler, desenhar e pintar. Meus pais sempre me apoiaram em tudo e me incentivaram para seguir em frente. Minha mãe dizia que era um privilegio eu ter uma professora, porque ela nunca teve professora e nunca frequentou

uma escola e mesmo assim, por si só aprendeu a ler através de rótulos dos alimentos. Minha mãe gostava de me ajudar a fazer o tema de casa.

Naquela época eu fazia as leituras que a professora pedia, isso já na quinta série. Lembro que tirava notas boas e fui escolhida para ajudar meus colegas nas atividades de tema de casa. Depois de um tempo, houve uma mudança na minha forma de ver a escola: comecei a ficar menos interessada em aprender, faltava muito às aulas e, conseqüentemente, fui perdendo o hábito da leitura. Isso aconteceu porque eu percebi que a maneira de educar era diferente da nossa, a educação para nós acontece no olhar, no observar os mais velhos, escutar história dos nossos antepassados. Quando estava na sétima série, comecei a ir bem em apenas algumas matérias, tais como História, Matemática e Português. Porém continuava com dificuldades de concentração nas demais. Acho que isso aconteceu também por causa da minha idade, afinal com 16 anos e eu ainda estava na sétima série. Isso fazia com que eu me revoltasse comigo mesma. Mas meu pai conversava comigo e dizia que eu nunca parasse de estudar e nunca desistisse, porque isso ia fazer falta no meu futuro. Depois dessa conversa eu refleti muito e comecei a me dedicar totalmente aos meus estudos e terminei minha oitava série na aldeia, porque nessa época já havia uma escola específica e diferenciada para nosso povo.

Meu pai era o cacique e lutou muito para que uma escola fosse construída dentro da aldeia e assim ele ganhou essa luta e realmente foi construída uma Escola Estadual. Assim que terminei o ensino fundamental ganhei uma bolsa para estudar em uma escola Marista e, desse modo, comecei o meu primeiro ano de magistério nessa instituição particular. Mesmo grávida do meu primeiro filho eu dei tudo de mim nesse estudo, não rodei em nenhuma disciplina, terminei tranquilo o meu primeiro ano. Como eu estava fazendo o curso de magistério, comecei a trabalhar como professora na escola da aldeia, em 2005. Mas na metade deste ano aconteceu uma coisa que me fez desistir de quase tudo: meu pai faleceu e por isso desisti do meu estudo e por pouco não desisti do meu trabalho também. No ano seguinte fiquei grávida do meu segundo filho e esse filho me deu a esperança de seguir em frente com meus estudos.

Quando pensei que estava tudo bem, em 2008 mais uma tragédia aconteceu comigo: meu filho que estava prestes a completar dois aninhos em agosto, faleceu em julho. E foi mais uma profunda tristeza em minha vida. Perdi um filho e mais um estava a caminho: estava esperando meu terceiro filho que ia nascer no mesmo mês que o

outro faleceu. Por esses motivos todos fiquei sem estudar durante dois anos. Eu sempre dizia para minha mãe que meu pai e meu filho me fazia muita falta e ela me repetia: lembra o que seu pai sempre te falava e volta a estudar de novo, por ele e pelos dois filhos que aqui estão com você; não abandone seu estudo. Foi assim que eu voltei a estudar novamente, afinal eu já era adulta e já estava na hora de agir como tal. Comecei tudo de novo, de onde havia parado. Retomei os estudos no segundo ano do ensino médio, já que eu não havia terminado esse período. Nesse ano me envolvi mais do que devia, porque percebi que tinha perdido muito tempo, que poderia ser melhor do que estava sendo. Estava estudando na escola da aldeia, em uma escola indígena, com poucos alunos guarani, situação muito mais fácil para mim.

Terminei o ensino médio tranquila e prestei vestibular na UFRGS em fevereiro de 2010, em Porto Alegre. Como neste ano não tinha vagas para estudantes indígenas no curso que eu queria - que era Pedagogia -, escolhi a licenciatura em História. As provas não foram complicadas, mas eram muito extensas e isso me deixou um pouco nervosa, pelo receio de não terminar tudo na hora marcada. No dia que saiu o resultado nem acreditei na minha aprovação; naquela hora me lembrei do meu pai e queria que ele estivesse ali para comemorar essa vitória comigo.

Em março de 2010 lá estava eu na sala de aula no curso de História; eu olhava aquela sala cheia de gente que não era indígena eu falava comigo mesma: o que estou fazendo aqui? Esse não é o meu mundo! E não consegui me adaptar naquela rotina de universitária. Encontrei dificuldades nos textos que o professor pedia para ler, parecia tão difícil de entender; as professoras falavam, e eu não entendia nada. Por esta razão tranquei meu curso no ano seguinte, mas depois de seis meses voltei para a faculdade novamente aí soube que eu podia fazer transferência interna para outro curso. Fiquei tão feliz com essa possibilidade de trocar o curso de História pelo curso de Pedagogia, que era o que eu tanto queria desde o início.

Enfim, hoje estou aqui com muita alegria escrevendo o meu TCC, apesar das dificuldades encontradas no caminho. Quero ser exemplo para a minha comunidade, quero fazer a diferença na aldeia sem deixar de ser o que eu sou (uma mulher Mbya Guarani) e o principal, ser reconhecida pelo meu esforço e continuar em busca de novos conhecimentos para um dia criar um currículo realmente diferenciado na escola da aldeia.



Avaxi amboi mbyta rã

## JEGUATA NHE'E VY 'Á RÃ RE – Caminhada pela vida



Talcira Gomes. Parteira, Kunhã Karáí e liderança feminina do povo Mbya Guarani.

*Nhanderu*, sempre presente, torna a vida mais esperançosa, segura e confiante no caminho que se percorre rumo à Terra Sem Mal.

“Para alcançar a terra sem mal é preciso caminhar com retidão, respeitar a natureza e saber ouvir os conselhos dos mais velhos, pois são os conhecedores e os guardiões das belas palavras” (SILVA PINHEIRO, 2021)

A cidade natal da minha mãe se chama Tenente Portela, interior do estado, onde ela viveu desde quando nasceu e onde teve a maioria dos seus filhos. Depois ela teve que se mudar para Erechim, RS, porque em Tenente Portela ela e a família moravam numa aldeia Kaigang e não havia muito espaço para o plantio. Em Erechim era uma aldeia de Mbya Guarani, mas a terra não era fértil e o lugar não era bom espiritualmente, por isso viemos para Porto Alegre, mais precisamente em Viamão. Assim que chegamos, ficamos mais ou menos 6 meses vivendo na beira da rodovia BR-40 e na época o prefeito destinou uma terra com 7 hectares para nossa família,

onde hoje é a Tekoá Nhundy, Estiva em Viamão, RS. Vivemos muito tempo nessa aldeia antes de vir para Rio Grande.

Em todos esses lugares que a minha mãe Talcira passou, sempre teve uma pequena Kokué, mas as vezes a terra não era fértil; outras vezes não parava em lugares por questões espirituais - as plantações não davam muito, mas as poucas sementes plantadas cresciam.

Dona Talcira Gomes, kunhã karai, uma liderança indígena que tem voz ativa no movimento indígena, inclusive é muito respeitada também entre os homens Mbya Guarani. Talcira é parteira há mais de 30 anos. Ela nos fala que é importante ter kokué para comer alimentos saudáveis e para poder mostrar para os filhos as comidas típicas, assim não perdemos os costumes. Minha mãe conta que sempre gostou de plantar. Aos 7 anos de idade já tinha sua própria kokué e ficava feliz de acompanhar o processo das plantações. Após o casamento dos filhos, com a chegada dos netos e com os familiares vindo nos visitar de vários lugares da Yvyrupá<sup>1</sup>, ela sentiu a necessidade de ter uma roça grande, que possibilite alimentar a todos, e ao mesmo tempo que alimenta, ensina e pratica o mbyá rekó, ou seja, o modo de ser guarani.

Na aldeia Nhundy há somente 7 hectares para 38 famílias, o que não nos permite plantar adequadamente e nem sequer para nossos parentes que moram conosco. Isto deixou minha mãe muito desanimada, pois no costume mbyá guarani, a gente semeia alimento e conhecimento. No mês da colheita, sempre convidamos os parentes para ir na aldeia, comer conosco e levar para suas casas alimentos e sementes. Não ter uma kokué adequada é o mesmo que não ter o lugar fértil de abundância cultural e nutricional.

Após um ano e meio do falecimento de me pai, ela teve um sonho. Neste sonho meu pai mostrava uma aldeia linda e fértil, onde ela poderia plantar o que quisesse e em seguida, no sonho, ele a presenteou com uma mudinha de jety (batata doce), dizendo: "leva essa mudinha e plante na sua nova aldeia e não deixa ela se perder". Ela nos contou que pegou a muda e caminhou por duas horas e no final desta caminhada chegou em uma aldeia já povoada, com muita gente, inclusive com suas irmãs. Ao perguntar se havia algum lugar para passar a noite, uma de suas irmãs apontou uma casinha velha de barro, coberta com taquara para ela dormir e disse que iria avisar o cacique de sua chegada. Mas minha mãe respondeu que só iria passar a

---

1 Yvyrupa - terra, sagrada, puro.

noite. Ao amanhecer as pessoas da aldeia já estavam se reunindo, esperando o cacique para perguntar se minha mãe podia ficar morando na aldeia. Então o cacique chegou e falou: “na verdade essa aldeia é da Talcira, a gente estava aqui só guardando para ela esse lugar. Então, agora que chegou, daqui para frente quem decide as coisas por aqui é ela”. Minha mãe ficou muito feliz por ter uma aldeia grande onde ia plantar aquela mudinha de batata doce e muito mais coisas. Nós, mbya guarani, sempre acreditamos muito nos sonhos, porém sabemos que os acontecimentos contidos nele não ocorrem imediatamente, tudo tem seu tempo e, assim, minha mãe ficou atenta ao sonho que teve.

Desde 2015, minha mãe tem o hábito de passar a temporada de verão na praia do Cassino (Rio Grande), para vender artesanato. Lá conheceu várias pessoas que a ajudaram e se tornaram amigas. Em dezembro de 2016 um amigo juruá comentou sobre um lugar desabitado em Rio Grande e perguntou se ela não queria dar uma olhada, pois se tratava de uma área pública, nas antigas instalações da extinta Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (Fepagro Sul). Ela mostrou interesse e no dia seguinte foram até o local. Minha mãe conta como ficou ansiosa, mal conseguindo dormir na noite anterior, sentia que o lugar a estava chamando. Quando chegou, sentiu uma sensação estranha, como se já estivesse naquele lugar. Foi aí que ela lembrou do sonho que teve. Após a visita ela voltou para Viamão e contou para família que encontrou um lugar onde a terra era fértil para o plantio e que estava se mudando para lá.



Preparando avaxi (milho) para plantar

## PARÁ RÕKE – Portal do Mar

Kova'e tekoa rã ma mokoĩ maentỹ ha re ajexara'u va'e gue, amboae tekoa py teri ain jave. Ajexara'u a py, jety rogue'i merami xeme rangue'i ome'ẽ, ha'e vy ma angã rei nderekoa rãĩ rejou vy ke kova'e re nderexarai eme he'i, eraa ha'e enhotỹ pono remoganhỹ he'i.

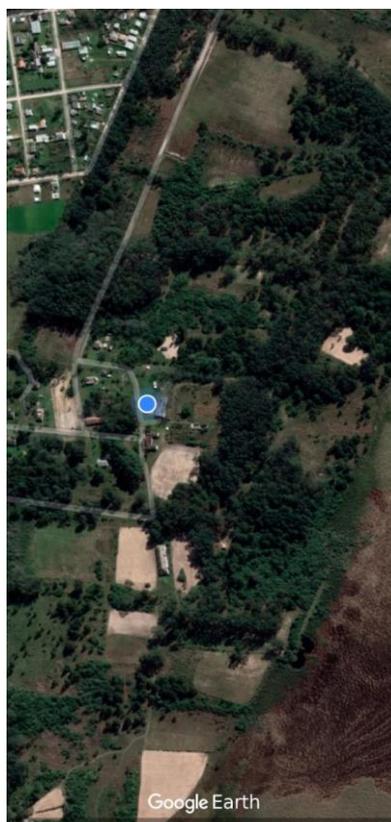




Foto da aldeia Pará Rõkê tirada com drone





No ano de 2017 minha mãe se mudou para Rio Grande. Inicialmente, foi ela e meu avô. Mais tarde, mais gente foi morar nesse lugar, aldeia que agora é chamada de Para Rõke (Portal do Mar). Localizada na região do distrito de Domingos Petroline, área rural do município de Rio Grande, RS, lugar onde tem inclusive um sítio arqueológico guarani. Atualmente vivem na aldeia 21 famílias – 80 pessoas, temos uma escolinha e um professor indígena que dá aula na língua guarani, além de um agente indígena de saúde. A aldeia tem mais de 200 hectares, com muito espaço para plantar diferentes tipos de sementes.

As pessoas mais velhas vão nos ensinando a fazer nosso Kokue, desde os idosos até as crianças. Pelo meu olhar, as pessoas idosas são mais felizes preparando sua Kokué, porque isso é uma forma de ensinamento para as crianças, mas também é uma cura para as pessoas mais velhas. Mexer nas plantas cura os males do corpo e do espírito. As Kokué formam um conjunto epistemológico dotado de conhecimentos e potências. O conhecimento produzido junto a roça tradicional e coletivamente compartilhado com as kiryngue é parte fundamental para a essência Guarani. Plantar transmite os conhecimentos dos nossos ancestrais e também contribui para o fortalecimento da cultura.

Antes de plantar tem essa conversa com a comunidade, é a hora da escuta para depois praticar na Kokué. Também costumamos conversar entre nós, entre os

alunos e os pequenos, que os Guarani não perderam totalmente o território. Nós conseguimos preservar nossa cultura, guardar tudo aquilo que é importante, toda a nossa riqueza, mesmo com o contato forte com os não indígenas. Preservamos principalmente a língua, pois nós, Guarani, somos um povo que tem uma escrita própria. Não tínhamos a escrita alfabética, mas esta foi uma escrita apropriada pelos guarani a partir do contato com os europeus. As histórias e transmissões de saberes se dão majoritariamente por meio da fala, por isso a fala é muito importante, assim como ter a sensibilidade de escutar e de olhar. Assim é a oralidade, um modo próprio de transmitir os saberes e conhecimentos, e também de construir esses conhecimentos.

Quando fizemos a kokué, não é somente a minha família que vai usar e plantar milho ou melancia, mas é toda a comunidade que vai plantar. Depois a comunidade vai plantar na kokué da outra família. Então a gente explica que na hora da colheita, quem quiser comer pode ir sem a necessidade de pedir permissão para aquela pessoa que é responsável pela kokuê. Mas deve tirar o que é necessário da kokuê, o que é para comer.

Voltando ao tema da kokuê, para a gente preparar a terra para plantar e para colher, tudo tem seu ritual, tem as partes, como começa e como termina. Mas esse é um ensinamento que fica entre as pessoas Mbya Guarani.

## KOKUÉ

“A Agricultura tradicional Guarani está ligada ao mundo espiritual, porque quando o Guarani pratica a agricultura ele está em harmonia com a natureza” (BARBOSA, 2015, p. 27).



Preparando a kokué



Colhendo melancia para os familiares



Desfrutando um alimento saudável



Colhendo os frutos de sua kokué

Hoje em dia, para os Guarani, praticar os rituais com os alimentos tradicionais colhidos na aldeia é de grande valor, porque isso afeta o lado pessoal e espiritual, porque ele não planta apenas por plantar, pois existe toda uma crença que vem se mantendo de geração em geração nessa tradição. As sementes tradicionais são cuidadosamente guardadas para não se perder. É plantado para depois ser dividido com quem não tem. Esses ensinamentos são passados para as crianças enquanto estão fazendo sua kokué, explicando também que estão plantando para o consumo e para usar no NHEMONGARAI (ritual do batismo guarani), porque sem o milho tradicional, sem o amendoim e os demais alimentos não haveria as cerimônias para o Nhemongarai. Esses alimentos são utilizados quando as crianças recebem o nome

em guarani, na opy. Também acontece uma cerimônia na colheita das plantações, para fazer a consagração dos alimentos antes de consumir.

O sentido da educação da kokué é aprender a compartilhar, ter respeito com a natureza e principalmente ter autonomia. Ensinar, enquanto planta, que a natureza tem vida também, por isso que nascem as coisas que plantamos. Ensinar que isso é nhande reko, é o conjunto de tudo que é a cultura e o fortalecimento da cultura milenar Guarani, assim como da nossa língua, da nossa espiritualidade, do que a gente acredita todos os dias.

Temos nossa divisão do tempo também (organização do tempo Guarani). Nossa divisão do tempo é diferente do ano novo ocidental (1º de Janeiro). Nós temos a divisão de ano novo (Ara Pyau) e o Ano Velho (Ara Ymã) e não temos 4 estações. Só temos duas divisões do ano, Ara Pyau e Ara Ymã: no primeiro é quando começa a preparação da kokué que é no início da primavera. Então, no primeiro dia da primavera começa a conversa dos anciãos e os mais velhos com os jovens sobre a terra, a plantação e o que cada uma vai plantar. É tão gratificante ver as crianças escutando e com ansiedade para ir para a kokué e fazer sua plantação e depois ver a alegria deles de ver a germinação das suas plantas, pois não é só plantar e deixar, tem que plantar e ir toda semana na kokué ver o processo das plantações, cuidar se não está sujo e se as formigas não estão comendo a plantação.

A nossa sabedoria (educação) também vem do sentir as coisas. Então, vendo aquela plantinha germinando e crescendo, nós sentimos tanta alegria que queremos compartilhar a colheita com os parentes. Nós, os Guaranis, não modificamos o clima ou o tempo; se estiver chovendo a gente vai fazer alguma coisa com a chuva, que é plantar batata doce; se estiver frio a gente vai aproveitar o frio; se estiver calor vamos aproveitar o calor. Então, a gente não vai modificar o tempo e fazer do nosso jeito, não preparamos as coisas para o amanhã, porque tudo tem o seu tempo.

Assim como as noções do tempo, muitos conhecimentos são produzidos junto à roça tradicional, coletivamente compartilhado com as kiryngue. Isso é uma parte fundamental para a formação da pessoa Mbya Guarani.

Na Tekoa Para Roque aqui em Rio Grande são mais de 150 hectares de terra, então tem muito espaço para plantar, ensinar e colocar na prática tudo aquilo que é passado na oralidade pelos mais velhos. E temos a Kokué, um lugar para aprender, plantar e colher.

Depois de ter meus filhos eu não havia tido minha kokué. Só tive essa oportunidade aqui em Para Roke, quando estava grávida do meu último filho. É tão emocionante fazer na prática aquilo que minha mãe me falava, porque não é só ir e plantar, é plantar conversando com a planta e o filho na barriga, ao mesmo tempo. “Anhoty ta apy ne nhe’e ovy’a hãguã, re’u haguã ha’egui nerentã rã kuery ou haguã o’u nhande reve.”

A escola diferenciada que queremos aqui na aldeia é onde possamos colocar em prática tudo aquilo que os mais velhos falam. Ir para a kokué junto com os kiryngue, os pais e mães, avós e tias... Por que hoje em dia as escolas indígenas só ensinam a ler e escrever em guarani e não fazem na prática os ensinamentos dos mais velhos, o que seria importante para fortalecer a cultura Mbya Guarani.

Na sequência, registrei alguns depoimentos das crianças, que trago aqui. Outros estão no vídeo que faz parte deste estudo.

Vhera’e: Eu faço minha kokué feliz e imaginando meus primos, porque na Estiva eles não tem lugar para plantar, daí eles vão vir aqui para comer.

Para’i: Fico feliz ao ver minha plantinha crescer e ver que vai dar frutos para todos nós comermos juntos.

Gustavo: Plantar, para mim, é ter força e coragem para seguir fortalecendo a nossa cultura de ter respeito pela terra e saber compartilhar o alimento com o próximo. “Nhamaentỹ ha’e va’e haema mbarete mby’a guaxu rã.”



A seguir, apresento na forma de vídeo, o registro que fiz de momentos desta pesquisa, em que a kokué é mostrada na fala das crianças, na caminhada dentro da aldeia até a roça tradicional e, por fim, o encontro com os alimentos cultivados na Para Rõke.

KIRYNGUE

<https://www.youtube.com/watch?v=CWsLasDFsVc>

OGUATA

<https://www.youtube.com/watch?v=sEj4Wj7KGZw>

KOKUÉ

[https://www.youtube.com/watch?v=ZNeTy\\_kjm6c](https://www.youtube.com/watch?v=ZNeTy_kjm6c)

## CONCLUSÃO

O objetivo desse trabalho também foi o de fazer com que as pessoas não indígenas compreendam que existem outras formas de educação, uma maneira diferente de educar os filhos, os netos. E que ainda usamos essa educação, temos a nossa cultura, o modo de ser e de viver dentro das aldeias, mesmo estando e vivendo perto das grandes cidades.

Mostrar que a essência de uma criança guarani está em cada ato de ensinamento que aprende, seja no plantar, pescar ou apenas observar.





Seguir as tradições e acompanhar os pais nas plantações



A aprendizagem se dá pela participação na vida, observando e agindo





## REFERÊNCIAS

### Da tradição oral

Talcira Gomes – muitas conversas, depoimento sobre a conquista da nova Tekoá, ensinamentos diários. Nossa sabedoria viva.

Entrevista com crianças da Tekoá Para Rõke: Cristian Sanches da Silva;

Ádamo Sanches da Silva; Manoela Sanches da Silva; Helena Gimenes; Luciana Benites

Rodas de conversa com as pessoas da Tekoá Para Rõke: Gustavo Sanches; Tarcísio Gomes; Germano Gimenes; Francisca Benites

### Da tradição escrita – leituras que foram inspiração

BARBOSA, Ronaldo. **Agricultura tradicional guarani**. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, UFSC, 2015.

KEY CLAUDINO, Zaqueu. **A formação da pessoa nos pressupostos da tradição Educação Indígena Kaingang**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

PINHEIRO, Isael da Silva. **Teko Porã Guarani: a Pedagogia das Belas Palavras**. Projeto de Tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande Sul, 2021.